

BLOGS |**O abortivo que virou ninho**

Liana John - 20/11/2014 às 13:32



Quem cuida de gado, no **Pantanal**, costuma evitar áreas onde crescem **ximbúvas** (*Enterolobium contortisiliquum*), árvores de uns 20 metros de altura, bem copadas e com troncos grossos, em torno de um metro de diâmetro.

A espécie tem uma penca de nomes comuns derivados do formato de suas vagens recurvadas, parecidas com orelhas, tamborins, cestas ou antigas moedas, conforme o gosto do freguês: árvore-das-patacas, fava-de-rosca, orelha-de-macaco, orelha-de-negro, orelha-de-onça, pacará, tambor, tamboril, tamboril-do-campo, tamboril-pardo, tamborim, tamburé, timbori, timboril.

Outro tanto de seus nomes comuns são variações de duas palavras de origem tupi: **timbó** (planta venenosa usada para pescar) e **iwa** (espuma): tamburiúva, tambuvé, tambuvi, timbaíba, timbaúba, timbaúva, timbaúva-branca, timbaúva-preta, timbíba, timbó, timboíba, timboúba, timboúva, timbuíba, timbuva, ximbiuva, ximbó e ximbúva. E ainda tem mais um nome em português claro: **pau-de-sabão**.

Toda essa segunda leva de apelidos explica porque os peões e os pecuaristas evitam ter a espécie nas pastagens: as **saponinas** contidas nos tais frutos arredondados são **venenosas** para seus animais. Elas destroem as **membranas celulares** e os **glóbulos vermelhos do sangue**, causam irritação na boca e podem provocar **abortos** em fêmeas prenhes. E o pior é que a árvore frutifica justo na estação seca, quando o capim não é suficiente e o gado recorre aos frutos de galhos mais baixos.

Mas, se as vagens de ximbúva pedem vigilância para evitar a morte de bois e bezerras, sua **madeira**, ao contrário, virou **símbolo de vida**. Essa árvore é a segunda na lista de preferências das **araras-azuis-grandes** (*Anodorhynchus hyacinthinus*) para construir seus ninhos. A primeira, disparada na frente, é **omanduvi** (*Sterculia apetala*). Mas um velho pé de manduvi é artigo escasso no **Pantanal Sul** e por isso a bióloga **Neiva Guedes** partiu para a construção de **ninhos artificiais**, feitos com a madeira da preferida número dois.

“Construímos muitos ninhos com a madeira de ximbúvas já caídas”, conta a idealizadora do **Projeto Arara Azul**. “Além de ser uma espécie naturalmente procurada pelas araras, a ximbúva tem espessura suficiente; é uma madeira macia para cortar e é leve, um detalhe importante na hora de subir o ninho e instalar no alto, trabalho muitas vezes feito pelas mulheres da equipe, às vezes até por uma mulher sozinha”.

Nos 24 anos do projeto, a par de monitorar sistematicamente 346 **ninhos naturais**, a equipe de Neiva construiu e instalou 253 ninhos artificiais, boa parte dos quais feitos de ximbúva. Depois de servir às araras azuis, os ninhos também são ocupados por **araras-vermelhas, araras-canindés, patos-do-mato, tucanos, gaviões, corujas e morcegos**.

“Agora está difícil de encontrar ximbaúvas caídas, então, para não derrubar as árvores estamos recorrendo ao eucalipto para a construção dos novos ninhos”, diz a pesquisadora. Os ninhos já instalados continuam abrigando as novas gerações, ano após ano, sem oferecer qualquer risco aos **filhotes**.



Leia também:

[Adote um futuro para as araras azuis](#)

Fotos: Neiva Guedes (ninho feito com ximbúva, exposto na sede do Projeto Arara Azul, ao alto, e membro da equipe monitorando ninho natural num tronco de ximbúva)

[ver este post](#)

[comente](#)

Comentários

26/11/2014 às 13:14

Marisa Aparecida da Silva - dig:

muito lindo o trabalho de vocês que seja de exemplo para muitos que só querem destruir a natureza é linda e tudo que Deus criou .

02/12/2014 às 14:36

Tereza - dig:

Parabéns pela ideia e pelo belo trabalho!

Deixe aqui seu comentário:

Preencha os campos abaixo para comentar, solicitar ou acrescentar informações. Participe!

Seu nome:

Seu e-mail:

Enviar

Biodiversa



LIANA JOHN

é jornalista ambiental. Escreve sobre conservação, mudanças climáticas, ciência e uso racional de recursos naturais há quase 30 anos, nas principais revistas e jornais do país. Ao somar entrevistas e observações, constatou o quanto somos todos dependentes da biodiversidade. Mesmo o mais urbano dos habitantes das grandes metrópoles tem alguma espécie nativa em sua rotina diária, seja como fonte de alimento ou bem-estar, seja como inspiração ou base para novas tecnologias. É disso que trata esse blog: de como a biodiversidade entra na sua vida. E como suas opções, eventualmente, protegem a biodiversidade.

Arquivos de posts

2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | **2015**

MAY 2015 - (3)

APRIL 2015 - (2)

MARCH 2015 - (3)

FEBRUARY 2015 - (4)

JANUARY 2015 - (4)

Nuvem de tags

Amazônia anti-inflamatório antioxidante araras açaí bactérias biodegradável biodiesel biodiversidade biodiversidade brasileira biologia biomimética Caatinga cana-de-açúcar Cerrado clima cochonilha controle biológico COP19 corais cosméticos Embrapa emissões emissões de carbono espinhas do rosto Fapesp fungos inhabitat insetos Instituto Arara Azul joaninha lixo mandacaru mandioca mel microalgas mudanças climáticas parasitas praga preguiça Protocolo de Kyoto queijo mineiro reciclagem semiárido Serra da Canastra sertão nordestino Terroir tratamento de água vinhaça água

Outros Blogs

A HUMANIDADE CONTRA AS CORDAS

BLOG DO CLIMA

MUITO ALÉM DA ECONOMIA VERDE

PARCEIROS DO PLANETA

PLANETA ÁGUA

SEMANA ABRIL DE JORNALISMO AMBIENTAL

AGRISUSTENTA

BIOGÁS: A ENERGIA INVISÍVEL

CORPORAÇÃO 2020

NA GARUPA

PLANETA URGENTE

PROSPERIDADE SEM CRESCIMENTO

SUSTENTÁVEL NA PRÁTICA

BICHOS DO PANTANAL

BLOG DA REDAÇÃO

GAIATOS E GAIANOS

O DIVERGENTE POSITIVO

PLANETA EM AÇÃO

QUANDO NEGÓCIOS NÃO SÃO APENAS NEGÓCIOS

URBANIDADES

Patroínio

Siga o Planeta

